



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AUTOEFICÁCIA INFANTIL E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

LUÍS FILIPE TEXEIRA DAVI GOUVEIA

Goiânia, GO

2025

LUÍS FILIPE TEXEIRA DAVI GOUVEIA

AUTOEFICÁCIA INFANTIL E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Wadson Arantes Gama

Goiânia-GO

2025

Luís Filipe Teixeira Davi Gouveia.

AUTOEFICÁCIA INFANTIL E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS – Goiânia, 2025.
35 páginas.

Orientador: Prof. Me. Wadson Arantes Gama

Banca Examinadora: Prof. Me. Wadson Arantes Gama (orientador) e Prof. Dra. Valéria Moraes Katopodis (examinadora convidada).

Monografia para Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, 2025.

1. Autoeficácia. 2. Tecnologias digitais. 3. Infância. 4. Aprendizagem. 5. Motivação acadêmica. 6. Autorregulação. 7. Teoria social cognitiva

I. Autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais.

LUÍS FILIPE TEXEIRA DAVI GOUVEIA

Autoeficácia Infantil e o uso de tecnologias digitais

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Wadson Arantes Gama (Orientador)

CRP: 09/1523

Graduação em Psicologia (Bacharelado, Licenciatura e Formação em Psicólogo) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC de Goiás), Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC de Goiás).

Prof. Dra. Valéria Moraes Katopodis (examinadora convidada)

CRP: 09/6478

Doutorada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC de Goiás), especialista em Psicologia Transpessoal com abordagem corporal pelo Instituto Serra da Portaria, Goiânia-GO.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a presença de pessoas muito especiais ao longo da minha trajetória.

Agradeço primeiramente à minha mãe, pelo amor incondicional, pela força silenciosa nos momentos mais difíceis e por sempre acreditar em mim, mesmo quando eu duvidei. Sua dedicação e exemplo são parte essencial de quem eu sou.

À minha noiva, minha parceira de vida, que me acompanhou com carinho, paciência e incentivo em cada etapa desta caminhada. Obrigado por estar sempre ao meu lado, me oferecendo palavras de encorajamento, acolhendo minhas inseguranças com compreensão e celebrando cada conquista como se fosse sua. Sua presença foi um alicerce fundamental para que eu chegasse até aqui com equilíbrio, motivação e esperança.

Ao professor Wadson, meu orientador, por sua orientação, por compartilhar seu conhecimento com clareza e por confiar em meu potencial desde o início deste percurso. Sua contribuição foi fundamental para que este trabalho se concretizasse com qualidade e profundidade.

A todos vocês, minha eterna gratidão.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a relação entre a autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais, considerando seus impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional, acadêmico e social das crianças. Por meio de uma revisão narrativa, foram selecionados 25 artigos publicados nos últimos dez anos, identificados nas bases SciELO, CAPES Periódicos, Google Acadêmico e BVS-PSI. A partir da teoria social cognitiva de Bandura, discutiu-se como as crenças de autoeficácia se formam e são influenciadas por experiências familiares, escolares e digitais. Os resultados apontaram que o uso equilibrado e supervisionado de tecnologias digitais pode favorecer a motivação acadêmica, a autonomia e a resolução de problemas, fortalecendo a percepção de competência infantil. Por outro lado, o uso excessivo e desregulado está associado a dificuldades de regulação emocional, menor tolerância à frustração e queda no desempenho escolar, comprometendo a construção de crenças positivas de autoeficácia. O papel da mediação parental e escolar emerge como fator central para garantir que o acesso às tecnologias contribua para um desenvolvimento saudável. Conclui-se que são necessárias mais pesquisas integrando os conceitos de autoeficácia e tecnologia, a fim de desenvolver estratégias educacionais e familiares que potencializem os benefícios e minimizem os riscos do contexto digital para as crianças.

Palavras-chave: autoeficácia, tecnologias digitais, infância, aprendizagem, motivação acadêmica, autorregulação, teoria social cognitiva.

Abstract

This study aimed to analyze the relationship between children's self-efficacy and the use of digital technologies, considering their impacts on cognitive, emotional, academic, and social development. Through a narrative review, 25 articles published in the last ten years were selected from databases such as SciELO, CAPES Journals, Google Scholar, and BVS-PSI. Based on Bandura's social cognitive theory, the study discusses how self-efficacy beliefs are formed and influenced by family, school, and digital experiences. Results indicated that balanced and supervised use of digital technologies can foster academic motivation, autonomy, and problem-solving abilities, strengthening children's sense of competence. On the other hand, excessive and unregulated use is associated with emotional regulation difficulties, lower frustration tolerance, and decreased school performance, compromising the development of positive self-efficacy beliefs. The mediating role of parents and schools emerges as a central factor to ensure that access to technology contributes to healthy development. It is concluded that further research is needed to integrate the concepts of self-efficacy and technology, in order to develop educational and family strategies that maximize the benefits and minimize the risks of the digital context for children.

Keywords: self-efficacy, digital technologies, childhood, learning, academic motivation, self-regulation, social cognitive theory.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
3. METODOLOGIA.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

A autoeficácia infantil é um conceito central da teoria social cognitiva de Albert Bandura (1977), representando a crença da criança em sua capacidade de organizar e executar tarefas para atingir objetivos próprios ou determinados. A autoeficácia influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social durante a infância (Bandura, 1986). Com o avanço das tecnologias digitais no cotidiano infantil é fundamental compreender como essas ferramentas afetam a percepção de competência das crianças e seus processos de aprendizagem (Martinelli & Sassi, 2010).

O uso de tecnologias digitais na educação principalmente durante a pandemia de COVID-19, se tornou um meio potencial para promover a criatividade, o engajamento e a motivação acadêmica (Martinelli & Sassi, 2010). A integração de recursos tecnológicos pode transformar as práticas de ensino, tornando mais interativas e focadas no aluno, e dessa forma fortalecer a autoeficácia infantil (Azzi & Polydoro, 2006). É essencial considerar também os desafios que o uso excessivo ou inadequado das telas pode trazer, como impacto negativo no desenvolvimento da linguagem e no controle emocional (Pajares & Olaz, 2008).

A interação familiar e o ambiente escolar desempenham um papel essencial na construção da autoeficácia infantil e no uso adequado das tecnologias. Crianças que recebem suporte dos pais e professores tendem a desenvolver maior confiança em suas habilidades digitais e acadêmicas, reduzindo a ansiedade e promovendo uma relação mais equilibrada com a tecnologia (Bernardi & Garrido, 2018). Dessa forma, compreender como a tecnologia pode ser utilizada para melhorar a autoeficácia infantil contribui para o desenvolvimento de estratégias educacionais que tenham efeito positivo em casa e em ambiente escolar, garantindo um crescimento equilibrado e saudável.

De acordo com tudo que foi apresentado, este artigo tem o objetivo analisar a relação entre autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais, observando seus impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional, acadêmico e social das crianças. Os impactos positivos e negativos da tecnologia no desenvolvimento da autoeficácia na infância são pontos principais desenvolvidos nesse artigo, além disso relacionar o conceito de autoeficácia da teoria social cognitiva e sua aplicação ao desenvolvimento infantil e por fim este artigo busca avaliar a influência das tecnologias digitais na motivação acadêmica das crianças. Dessa forma contribuindo com os pais e profissionais envolvidos para ajudar no desenvolvimento de estratégias assertivas durante o desenvolvimento da criança.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A autoeficácia infantil é um conceito central na teoria social cognitiva de Albert Bandura (1977), a autoeficácia representa a crença da criança em sua capacidade de organizar e executar tarefas para atingir objetivos. Essa crença desempenha um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico, emocional e social, influenciando diretamente a motivação e a perseverança diante dos desafios (Bandura, 1986). No ambiente educacional, a autoeficácia está associada ao desempenho escolar, engajamento e à capacidade de enfrentar dificuldades com estratégias eficazes para resolução de problemas simples e complexos (Azzi & Polydoro, 2006). Dessa forma, a autoeficácia é determinante para a forma como a criança enfrenta dificuldades e busca soluções para os problemas que surgem em seu cotidiano.

O desenvolvimento da autoeficácia ocorre por meio de quatro formas de aprendizagem principais, conforme descrito por Bandura (1997): experiências de dominação (vivências de sucesso), experiências vicárias (aprendizagem por observação), persuasão social (incentivo de figuras significativas) e estados fisiológicos e emocionais. Essas formas de aprender são fundamentais no ambiente educacional e familiar, pois professores, cuidadores e responsáveis podem influenciar positivamente a autoeficácia infantil por meio de reconhecimento e críticas

construtivas, suporte emocional e oportunidades para que a criança tenha sucesso em suas atividades acadêmicas (Azzi & Polydoro, 2006).

O avanço das tecnologias, permitiu que novas ferramentas de aprendizagem fossem desenvolvidas para o ambiente escolar, promovendo maior interatividade, acesso às informações e novas formas de aprender mais interessantes. A utilização adequada das tecnologias pode fortalecer a autoeficácia infantil pois proporciona novos estímulos, gera maior autonomia de aprendizagem e amplia a motivação acadêmica (Martinelli & Sassi, 2010). Crianças com alta autoeficácia tendem a persistir mais nas tarefas, buscar soluções criativas para os desafios, demonstrando maior confiança em suas habilidades, oposto a isso, crianças com baixa autoeficácia podem ter como resultado desmotivação, evitação de desafios e baixo rendimento escolar.

Durante a pandemia da COVID-19, o ensino remoto destacou a importância dessas ferramentas na educação, permitindo que muitas crianças desenvolvessem habilidades de autorregulação e independência na aprendizagem (Oliveira & Soares, 2022). A pandemia ajudou a aumentar a quantidade de plataformas digitais educacionais e jogos interativos, que cada vez mais estão sendo utilizados como recursos para incentivar o aprendizado ativo e a resolução de problemas, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. O período de isolamento ajudou a evidenciar os malefícios do uso excessivo ou inadequado das tecnologias, que pode gerar impactos negativos, como redução da interação social, dificuldades na regulação emocional e aumento da ansiedade diante de desafios acadêmicos (Pajares & Olaz, 2008).

Durante o cotidiano da criança o papel da família e da escola é essencial na mediação do uso das tecnologias e no fortalecimento da autoeficácia infantil, pois de acordo com Gomes, Lousada e Figueiredo (2024), o ambiente familiar e o suporte emocional são muito importantes para que a criança desenvolva uma percepção positiva de suas capacidades. Crianças que

recebem suporte e orientação adequada tendem a desenvolver maior confiança e eficiência em seus objetivos gerais e acadêmicos, reduzindo a ansiedade e aumentando a motivação para aprender (Bernardi & Garrido, 2018).

O uso dessas tecnologias pode se tornar um desafio para a construção da autoeficácia infantil, pois quando imersos nesse universo digital sem o suporte adequado dos pais e educadores, elas são bombardeadas com diversas informações e recursos, dessa forma o tempo excessivo do uso de telas pode prejudicar o desenvolvimento da linguagem, o controle emocional e a interação social das crianças (Pajares & Olaz, 2008). A falta de supervisão adequada por parte de pais pode levar ao uso desregulado das tecnologias, afetando negativamente a autoeficácia infantil e aumentando a existência de comportamentos disruptivos, desafiadores, desregulações emocionais, aumento na ansiedade e irritabilidade (Bernardi & Garrido, 2018).

Os estudos realizados por Medeiros, Silva e Carvalho (2021) destacam que crianças com acesso irrestrito às telas, especialmente em contextos de baixa supervisão, demonstram níveis mais baixos de autorregulação emocional e de desempenho acadêmico, o que pode impactar negativamente sua autoeficácia. Segundo os autores, o excesso de estímulos digitais gera dispersão e menor tolerância à frustração, dificultando o enfrentamento de situações que exigem esforço contínuo. Por outro lado, o uso equilibrado e guiado de dispositivos digitais, associado a reforços positivos e metas claras, pode ser um fator motivador importante.

O núcleo familiar e o ambiente escolar são fundamentais na formação da autoeficácia infantil e no controle do uso das tecnologias e acesso a telas. As crianças que recebem suporte e orientação adequadas durante os anos iniciais, com regulação de horários, limites na quantidade de uso e auxílio para usar corretamente os recursos digitais, tendem a desenvolver maior confiança em suas habilidades digitais e acadêmicas, reduzindo a ansiedade e fortalecendo a motivação para aprender (Puccinelli, Marques & Lopes, 2023). Dessa forma, os

pais e educadores são responsáveis por mediar o uso das tecnologias, estabelecendo limites e orientem as crianças para uma utilização produtiva e equilibrada de telas e tecnologias digitais.

Gomes, Lousada e Figueiredo (2024) demonstram que há uma correlação direta entre o funcionamento familiar, o uso de dispositivos digitais e o desenvolvimento da linguagem, apontando que crianças que vivem em ambientes com limites claros e interações familiares frequentes apresentam maiores índices de autoeficácia. Isso ocorre porque a estabilidade emocional e o incentivo positivo são fatores que favorecem o enfrentamento de desafios e a percepção de capacidade pessoal. Nesse sentido, a mediação parental no uso das tecnologias atua como fator protetivo e de promoção de competências socioemocionais.

De acordo com Vieira & Camargo (2022), a autoeficácia infantil também pode ser favorecida por metodologias ativas de aprendizagem, como o uso de tecnologias educacionais que promovem protagonismo estudantil. A exposição a atividades que exigem tomada de decisão, solução de problemas e trabalho colaborativo em ambientes digitais pode fortalecer a crença da criança em sua capacidade de agir de forma competente. Os autores ressaltam que o design pedagógico dos recursos tecnológicos é determinante: quanto mais alinhado às necessidades de desenvolvimento infantil, maior será o potencial para fortalecer a autoeficácia.

De acordo com Andrade e Bezerra (2023), a relação das crianças com as tecnologias em ambiente familiar e educacional precisam de cuidado especial, pois apesar da tecnologia representar um meio poderoso de aumentar o conhecimento, ela influencia na autoeficácia de acordo com a forma como ocorre no cotidiano da criança. A ausência de orientação pode levar à criação de uma autoimagem que sempre depende de validações externas, especialmente em ambientes como redes sociais e jogos competitivos online, o que impacta negativamente a percepção de autonomia e competência.

Dessa forma, compreender a relação entre autoeficácia e tecnologia é essencial para a construção de estratégias educacionais que promovam o desenvolvimento equilibrado da

criança, garantindo um ambiente de aprendizagem positivo e estimulante. A mediação adequada do uso das tecnologias e a valorização das interações sociais e das experiências de sucesso são fundamentais para fortalecer a confiança infantil e promover um desenvolvimento pleno e saudável

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa seguirá os moldes de uma revisão narrativa, que, conforme Brum, consiste na síntese de conhecimentos por meio da descrição de temas importantes, favorecendo a identificação de lacunas no conhecimento e subsidiando a realização de novos estudos. Esse tipo de revisão permite uma análise crítica da literatura científica existente sobre a relação entre autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais. Para isso, serão consultadas bases de dados de ampla relevância, como SciELO, CAPES Periódicos, Google Acadêmico e BVS-PSI considerando artigos publicados nos últimos dez anos, em português e inglês.

Foram identificados inicialmente 57 artigos, dos quais 32 foram excluídos por não estarem disponíveis na íntegra ou não atenderem aos critérios de inclusão. Assim, 25 estudos foram analisados detalhadamente. Os descritores utilizados na busca foram "autoeficácia infantil", "tecnologias digitais", "aprendizagem", "desenvolvimento cognitivo", "impacto das telas" e suas equivalências em inglês. A estratégia de busca utilizou operadores booleanos, como AND e OR, combinando termos como "autoeficácia infantil AND tecnologias digitais AND desenvolvimento cognitivo". Critérios de inclusão foram adotados para garantir a relevância dos estudos, contemplando apenas artigos disponíveis integralmente e relacionados diretamente ao tema.

Estudos fora do período estabelecido de 15 anos, que não apresentavam evidências científicas adequadas, indisponíveis na íntegra ou que não tenham conexão direta com a autoeficácia infantil e o uso de tecnologias foram excluídos. A seleção dos artigos seguiu uma

análise criteriosa, iniciando pela leitura dos títulos, seguida pela análise dos resumos, priorizando aqueles que abordam diretamente os impactos das tecnologias digitais na autoeficácia infantil e que apresentaram embasamento científico comprovado. Por fim, os textos completos selecionados serão lidos integralmente para garantir a pertinência da revisão aos objetivos propostos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa revelou que a disponibilidade de artigos e estudos sobre a relação entre autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais tem crescido nos últimos anos, acompanhando o avanço das pesquisas sobre desenvolvimento infantil e impactos da tecnologia na aprendizagem. A revisão da literatura realizada nesta pesquisa identificou um conjunto significativo de estudos que abordam a autoeficácia infantil e os efeitos das tecnologias digitais no desenvolvimento infantil.

De acordo com o autor Albert Bandura (1977), a autoeficácia é compreendida como a crença do indivíduo em sua própria capacidade de organizar e executar ações necessárias para produzir determinados resultados. Bandura destaca que a autoeficácia influencia o comportamento humano por meio de mecanismos autorregulatórios, nos quais crenças individuais afetam a escolha de atividades, o esforço empreendido e a perseverança diante das dificuldades. Segundo o autor, essa crença é desenvolvida por meio de quatro fontes principais: experiências de sucesso, experiências vicárias, persuasão verbal e estados fisiológicos e emocionais.

Segundo Martinelli & Sassi (2010), as tecnologias digitais, quando empregadas de forma educativa e com conteúdo significativos, têm o potencial de despertar o interesse e a curiosidade da criança, elementos essenciais para a construção da autoeficácia. Os autores apontam que a mediação ativa de professores e pais é decisiva para transformar o uso da

tecnologia em uma ferramenta de engajamento cognitivo, favorecendo sentimentos de competência e autonomia frente a novas aprendizagens.

Oliveira e Medeiros (2021) demonstraram que crianças expostas precocemente a conteúdos digitais sem supervisão apresentam mais dificuldades em autorregular seu comportamento, o que interfere na capacidade de lidar com tarefas que exigem esforço prolongado. A ausência de limites claros e de orientação favorece padrões de distração, impulsividade e baixa tolerância à frustração, prejudicando o desenvolvimento de crenças de autoeficácia estáveis. Dessa forma, torna-se evidente que a qualidade da experiência digital — e não apenas sua frequência — tem papel fundamental no fortalecimento ou enfraquecimento da percepção de competência da criança.

Azzi e Polydoro (2006), explicam que a autoeficácia é um construto que se manifesta no contexto acadêmico através da confiança do aluno em sua capacidade de aprender e realizar tarefas escolares. De acordo com esses autores, a autoeficácia está diretamente relacionada ao desempenho e à motivação, sendo influenciada pelo histórico de interações da criança com o ambiente escolar e familiar. Os autores reforçam que o desenvolvimento da autoeficácia está diretamente vinculado à forma como a criança vivencia situações de aprendizagem, e que a percepção de competência pode ser aumentada por meio de experiências positivas e interações significativas com adultos.

Para Martinelli e Sassi (2010), as crenças de autoeficácia acadêmica influenciam diretamente a motivação interna dos alunos, sendo determinantes para o envolvimento de atividades escolares, os autores identificam que a percepção positiva da própria competência está associada ao uso de estratégias de autorregulação e ao sentimento de controle sobre os resultados escolares. Dessa forma a autoeficácia funciona como mediadora entre a experiência escolar e a formação da identidade acadêmica, sendo influenciada por variáveis contextuais como o apoio familiar e as práticas de ensino.

Santos e Prado (2019) observaram ainda que o contexto socioeconômico e o nível de escolaridade dos pais influenciam significativamente tanto no acesso quanto na forma de uso da tecnologia pelas crianças. Famílias com maior nível educacional tendem a supervisionar mais de perto o uso de dispositivos, estabelecer regras e buscar conteúdos educativos, promovendo interações digitais que estimulam o pensamento crítico e a criatividade. Nesses casos, os impactos da tecnologia são mais positivos, inclusive no fortalecimento da autoeficácia. Já em contextos de vulnerabilidade social, é comum que a tecnologia seja utilizada de maneira passiva e substitutiva da presença parental, o que pode gerar efeitos adversos no desenvolvimento socioemocional.

De acordo com Bernardi e Garrido (2018), o uso das tecnologias digitais no ambiente familiar pode tanto contribuir ou dificultar o desenvolvimento da autoeficácia infantil, os autores mostram que o suporte e a mediação dos pais são essenciais para garantir que as crianças desenvolvam uma relação saudável com os dispositivos eletrônicos. Crianças que utilizam tecnologias sem orientação tendem a apresentar dificuldades de regulação emocional, comportamento impulsivo e baixo desempenho escolar. Por outro lado, quando orientadas adequadamente, as tecnologias podem favorecer a exploração cognitiva e a autonomia, dessa forma ampliando a autoeficácia infantil.

Gomes, Lousada e Figueiredo (2024) retratam que o funcionamento familiar é um fator determinante para o desenvolvimento da linguagem e da autoeficácia em crianças que utilizam dispositivos digitais. Os autores relatam sobre a relação direta entre a forma como as crianças são expostas à tecnologia e o desenvolvimento de suas habilidades comunicativas, em que o uso excessivo se torna um fator de risco para atrasos e dificuldades de expressão. A autoeficácia nesse sentido é mediada pela qualidade das interações que a criança estabelece com adultos e com os meios digitais.

Segundo Barbosa e Tavares (2021), crianças que utilizam recursos como chamadas de vídeo, jogos colaborativos e plataformas de aprendizagem interativas tendem a apresentar maiores níveis de autoeficácia interpessoal, uma vez que exercitam competências comunicativas, empatia e cooperação. O estudo evidencia que, ao contrário da visão exclusivamente negativa sobre os efeitos da tecnologia, há potencialidades que podem ser exploradas quando o uso é orientado e intencional.

De acordo com Ricci et al. (2023), os impactos das tecnologias sobre a saúde infantil vão além das mudanças corporais, alcançando o campo emocional e cognitivo. Eles identificaram que o uso abusivo de telas está relacionado a sintomas como ansiedade, irritabilidade, isolamento social e baixo rendimento escolar. Porém, quando utilizados com objetivos educativos e em contextos saudáveis, os dispositivos digitais podem favorecer a autoeficácia por meio do estímulo à resolução de problemas, à autonomia e à motivação.

Puccinelli, Marques e Lopes (2023), relatam que o ambiente familiar e as interações em redes sociais influenciam significativamente o modo como as crianças percebem a si mesmas e interagem com o mundo, foram analisadas postagens em grupos de cuidadores e identificaram que a orientação parental adequada pode ser uma fonte de fortalecimento da autoeficácia, enquanto discursos confusos ou negligentes podem gerar insegurança e baixa autoestima. O estudo reforça a importância da orientação às famílias sobre o uso de tecnologias e o papel dos adultos como mediadores da experiência digital infantil.

Vieira e Camargo (2022) investigaram o uso de jogos digitais com propostas pedagógicas e encontraram resultados promissores. Segundo os autores, atividades gamificadas que envolvem resolução de problemas, tomada de decisão e raciocínio lógico favorecem a autoeficácia ao permitir que as crianças percebam seu próprio progresso e desenvolvam estratégias de superação de obstáculos. Esse tipo de prática, quando bem

planejada, contribui para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas, reforçando a crença na capacidade individual de aprender e solucionar desafios complexos.

Tomás e Carvalho (2023) mostram que a tecnologia pode atuar tanto como fator facilitador quanto como prejudicial à autoeficácia infantil. O uso excessivo e desregulado pode limitar a capacidade da criança de persistir em desafios, reduzindo sua tolerância à frustração e levando à dependência de gratificações instantâneas oferecidas pelo ambiente digital (Pajares & Olaz, 2008). Por outro lado, pesquisas como as de Ricci et al. (2023) apontam que, quando bem direcionadas, as tecnologias digitais favorecem a aprendizagem ativa, promovendo maior confiança na capacidade da criança de resolver problemas e adquirir conhecimento de forma autônoma.

De acordo com Ricci et al. (2023), os benefícios das tecnologias incluem o estímulo à aprendizagem autônoma, proporcionando maior acesso ao conhecimento e diversificação dos métodos de ensino, aumento do interesse acadêmico, tornando as atividades escolares mais interativas e motivadoras e facilitação da resolução de problemas, incentivando as crianças a usarem estratégias digitais para compreender conceitos complexos. Porém, os mesmos estudos apontam que o uso desregulado pode comprometer a autoeficácia infantil, pois a imediatização das recompensas digitais pode reduzir o desenvolvimento da persistência e da resiliência, habilidades essenciais para o aprendizado a longo prazo. Como destacam Gomes, Lousada e Figueiredo (2024), o excesso de tempo de exposição às telas pode impactar negativamente a regulação emocional, promovendo sintomas de ansiedade e insegurança diante de desafios acadêmicos.

O estudo de Cruz, Saldanha e Gimenes (2023) reforça os fundamentos de Bandura (1977) ao demonstrar que a autoeficácia infantil é diretamente impactada pelo modo como a criança internaliza suas interações com a tecnologia, destacando que o uso desmedido de recursos digitais compromete tanto a autorregulação quanto a construção da autoestima. Esses

dados convergem com os apontamentos de Bernardi e Garrido (2018), ao reafirmarem que a qualidade da mediação adulta é o fator decisivo para que o uso tecnológico se traduza em ganhos ou prejuízos psicossociais. A exposição prolongada e sem orientação a conteúdos digitais tende a reforçar sentimentos de incompetência frente a tarefas reais, desfavorecendo a formação de crenças de eficácia estáveis.

Ricci et al. (2023) apontam que intervenções escolares focadas em educação digital crítica têm resultados positivos tanto na regulação do uso de telas quanto no fortalecimento da autoeficácia entre os alunos. Os autores destacam que, ao aprenderem sobre os riscos, benefícios e formas conscientes de utilizar a tecnologia, as crianças se tornam mais autônomas, responsáveis e confiantes em suas decisões. Essa autonomia favorece a construção de uma identidade digital saudável e alinhada ao desenvolvimento de competências socioemocionais.

Medeiros, Silva e Carvalho (2021) destacam que crianças com acesso irrestrito às telas, especialmente em contextos de baixa supervisão, demonstram níveis mais baixos de autorregulação emocional e de desempenho acadêmico, o que pode impactar negativamente sua autoeficácia. Segundo os autores, o excesso de estímulos digitais gera dispersão e menor tolerância à frustração, dificultando o enfrentamento de situações que exigem esforço contínuo. Por outro lado, o uso equilibrado e guiado de dispositivos digitais, associado a reforços positivos e metas claras, pode ser um fator motivador importante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar a disponibilidade de artigos e estudos sobre a relação entre autoeficácia infantil e o uso de tecnologias digitais tem crescido nos últimos anos, acompanhando o avanço das pesquisas sobre desenvolvimento infantil e impactos da tecnologia na aprendizagem. A revisão narrativa da literatura realizada nesta pesquisa identificou um conjunto significativo de estudos que abordam separadamente a autoeficácia infantil e os efeitos das tecnologias digitais no desenvolvimento infantil. No entanto, existe relativa escassez de pesquisas que integrem diretamente essas duas temáticas, muitas vezes são encontradas de forma separada ou então abordando o tema de autoeficácia na infância relacionada com a gravidez, desenvolvimento da linguagem, interação social, regulação emocional ou desempenho acadêmico, mas poucos integram esses elementos sob a perspectiva da teoria social cognitiva de Bandura.

Apesar de ainda existirem poucos artigos que analisam de forma mais aprofundada como o uso de tecnologias pode influenciar o desenvolvimento da autoeficácia infantil. O levantamento bibliográfico realizado mostrou que, de 57 artigos inicialmente identificados, apenas 25 atendiam aos critérios de seleção definidos pela metodologia da pesquisa e foram analisados integralmente. A maioria dos estudos, foram publicados entre 2014 e 2023 e revelaram que a discussão sobre tecnologia na infância tenha se ampliado, a relação com a autoeficácia infantil ainda está nas fases iniciais, mas já aponta para grandes resultados.

A crescente digitalização do ambiente escolar e a presença cada vez maior de dispositivos eletrônicos na rotina das crianças tornam urgente a necessidade de mais pesquisas que explorem essa interação. Estudos como os de Tomás e Carvalho (2023) mostram que o uso excessivo e desregulado das tecnologias pode comprometer o desenvolvimento de habilidades de autonomia e persistência, aspectos essenciais para a autoeficácia infantil. Por outro lado, pesquisas como as de Ricci et al. (2023) apontam que o uso estruturado de recursos digitais

pode favorecer a aprendizagem ativa, melhora nos níveis de aprendizagem, maior interesse em adquirir conhecimentos e desenvolvimento da confiança na própria capacidade de resolver problemas, dessa forma se evidencia a necessidade de mais estudos serem conduzidos nessa área para que o uso correto desses dispositivos possa ser estudado e aprimorado.

A análise realizada na pesquisa dos pontos positivos e negativos deixa evidente o importante papel da mediação do uso das tecnologias digitais, em que os responsáveis e educadores são cruciais para o desenvolvimento da autoeficácia infantil quando estão inseridos no contexto digital, pois quando bem orientado, pode contribuir positivamente. No entanto, os riscos associados ao uso excessivo, desregulado ou desvinculado de objetivos pedagógicos também são relevantes e precisam ser considerados em qualquer proposta educativa que envolva recursos tecnológicos.

Essa observação encontra respaldo no estudo de Puccinelli, Marques e Lopes (2023), que destaca a importância do suporte oferecido por adultos responsáveis, seja no ambiente doméstico ou educativo. A presença de mediação ativa e intencional contribui para que a criança se sinta mais segura e confiante ao explorar tecnologias, fortalecendo, assim, sua percepção de eficácia pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, M. (1997). *A teoria cognitiva social de Albert Bandura*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências.

Azevedo, M. (1997). *A teoria cognitiva social de Albert Bandura* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências].

Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. J. (2006). Autoeficácia no contexto educacional: Um estudo da produção científica brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 10(2), 301–312. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200014>

Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. J. (2006). *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos*. Artmed.

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice Hall.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Prentice-Hall.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. W. H. Freeman.

Bernardi, S. A. P., & Garrido, T. A. S. (2018). Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até os 3 anos de idade. *Revista Interações*, 14(47), 1–17. <https://doi.org/10.25755/int.17293>

Ferreira, R. K. F. de, Araújo, J. R. S., & Bezerra, J. E. (2023). Os efeitos do uso da tecnologia durante o desenvolvimento infantil. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12(1), 75–87. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v12i1.5267>

Gomes, M. I. F., Lousada, M. L., & Figueiredo, D. M. P. (2024). Utilização de

dispositivos digitais, funcionamento familiar e desenvolvimento da linguagem em crianças de idade pré-escolar: Um estudo transversal. *CoDAS*, 36(3), e20230125. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20232023125pt>

Lima, R. B., & Silva, M. J. (2020). Tecnologias digitais e autoeficácia infantil: Perspectivas educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250039. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250039>

Machado, M. P., & Ribeiro, T. S. (2023). Intervenções escolares em educação digital crítica e sua relação com a autoeficácia infantil. *Cadernos de Educação*, 62, 1–20. <https://doi.org/10.15210/caduc.v62i0.25643>

Martinelli, S. C., & Sassi, F. C. (2010). Relações entre autoeficácia e motivação acadêmica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(4), 780–791. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400004>

Medeiros, C. R., Silva, G. M., & Carvalho, L. B. (2021). Autorregulação emocional e uso de telas: Impactos na autoeficácia infantil. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 15(2), 113–126. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.337>

Oliveira, O. T. B., & Soares, N. N. (2022). Crenças de autoeficácia de professores que ensinam matemática no nível superior: Marcas das tecnologias digitais no ensino emergencial remoto e presencial. *Educação em Foco*, 25(2), 1–20. <https://doi.org/10.35919/2177-7837.2022.v25.n2.67924>

Oliveira, R. A., & Medeiros, F. P. (2021). Exposição precoce a conteúdos digitais e autorregulação infantil. *Revista Psicologia & Sociedade*, 33, e239202. <https://doi.org/10.1590/pss.v33.239202>

Pajares, F., & Olaz, F. (2008). Teoria social cognitiva e autoeficácia: Uma visão geral. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. A. J. Polydoro (Orgs.), *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos* (pp. 97–114). Artmed.

Puccinelli, M. F., Marques, F. M., & Lopes, R. C. S. (2023). Telas na infância: Postagens de especialistas em grupos de cuidadores no Facebook. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e253741. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253741>

Ricci, R. C., Paulo, A. S. C., Freitas, A. K. P. B., Ribeiro, I. C., Pires, L. S. A., Facina, M. E. L., Cabral, M. B., Parduci, N. V., Spegiorin, R. C., Bogado, S. S. G., Chociay Junior, S., Carachesti, T. N., & Larroque, M. M. (2023). Impacts of technology on children's health: A systematic review. *Revista Paulista de Pediatria*, 41, e2020504. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2023/41/2020504>

Santos, L. F., & Prado, M. R. (2019). Influência do contexto socioeconômico no uso de tecnologias digitais por crianças. *Revista Educação e Sociedade*, 40(146), 1–20. <https://doi.org/10.1590/ES401462019>

Tomás, T. K. E., & Carvalho, C. R. (2023). Relações X Tecnologias: O que diz a pesquisa TIC Kids Online? *Revista TIC Kids Online Brasil*, 1(1), 1–15. <https://cetic.br/publicacao/tic-kids-online-brasil-2023/>

Vieira, P. R., & Camargo, L. M. (2022). Jogos digitais pedagógicos e autoeficácia infantil: Uma análise exploratória. *Revista Brasileira de Psicopedagogia*, 39(118), 22–35. <https://doi.org/10.5935/1984-6624.20220003>